

Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) Serra do Cipó/Minas Gerais Transcrição de entrevista		
Entrevistado: Clóvis Isaías de Oliveira	Data: 12/05/2011	Ocupação: Professor, ex-Secretário Municipal de Cultura
Município: Congonhas do Norte		Distrito: Sede
Equipe técnica Entrevista: Andréia Ribeiro Produção de vídeo: Ricardo S. G.		Duração: 58 minutos
		Mídia: Divx, arquivos em Mp4
Observação: as falas destacadas em <i>itálico</i> foram proferidas pela entrevistadora.		

- *Qual o seu nome?*
- Clóvis Isaías de Oliveira.
- *Idade, Clóvis?*
- 45 anos.
- *Endereço?*
- Rua Cristalina, 232, Centro. Congonhas do Norte.
- *Profissão?*
- Professor.
- *Qual que é o seu envolvimento no meio cultural do município de Congonhas do Norte?*
- Vocacional. Na verdade...assim...todas as atitudes que eu pratico aqui de apoio, mental, aqui dessas manifestações, é mais é vocacional. Por gostar mesmo da cidade, então eu pratico isso porque eu vejo que há uma certa carência nesse sentido. Então procuro doar um pouco, e participar ativamente.
- *Você também já foi Secretário de Cultura?*
- De Cultura.
- *Durante quanto tempo?*
- Mais ou menos uns seis meses.
- *E porque que você foi convidado pra assumir essa pasta, você sabe?*
- Na verdade, assim, desde 97, eu saí daqui, fui convidado pela Prefeitura pra participar de um curso de saneamento em Pirapora, e sempre me envolvi muito com o trabalho. Na verdade, acho que a pessoa pra tá desenvolvendo uma função pública, você tem que se doar mesmo. E isso, aliado ao gosto pela cidade, então foi muito natural pra mim me entregar completamente.

Então eu já fui Secretário de Saúde, de Cultura e de Meio Ambiente, e acho que pelo vocacional mesmo. As pessoas enxergaram isso, e me convidaram.

- *Quais manifestações culturais, saberes e modos de fazer tradicionais existem em Congonhas do Norte?*

- Tradicionalmente nós temos a Marujada e a Folia. Temos a Folia de Santa Cruz, a Folia de Reis e a Folia do Divino. Essas são o tradicional mesmo. Tínhamos a Pastorinha, mas já acabou.

- *Tem quanto tempo que acabou a Pastorinha?*

- Mais ou menos 40 anos. Então assim, ela parece que teve na verdade, me parece que sete anos de existência, e ela simplesmente acabou. Assim, tradicionalmente nós temos também a banda, a Banda Leda Santana, que ela foi concedida em 1919, e ainda persiste.

- *E a Marujada, qual é o nome da Marujada?*

- Na verdade, nós temos três marujadas hoje. A Marujada de Alves, que não tem nome específico, a Marujada de Congonhas, e essa também praticamente é extinta...a Folia, que era de Reis, nós temos aqui no Jacuí, Alves e Bom Jardim, e tá praticamente extinta.

- *E as festividades, quais são? Que acontece aqui na sede e nas comunidades rurais?*

- Nós temos a Festa de Santana, que é a Padroeira do Município. A Festa de São Geraldo, que é o Padroeiro lá de Alves, Santa Cruz de Alves. A Festa de Nossa Senhora da Consolação, que é a padroeira da comunidade de Coqueiros. Nós temos também a Festa de Alves mesmo. Temos duas: a Festa de São Geraldo e a Festa de Alves mesmo.

- *Essa Festa de Alves é a festa em homenagem à Nossa Senhora do Rosário?*

- É. Que na verdade lá tem dois santos, né? É São José. E Nossa Senhora do Rosário. Que tem também a Folia de Santa Cruz e a Marujada. Agora, os integrantes são de todas as comunidades...por exemplo, os de Alves ajudam o daqui; o daqui ajuda o de Jacuí; que por sua vez ajuda as duas comunidades. Então os integrantes são praticamente os mesmos, e variam de 40 a 28, dependendo da comunidade e da festa. Festa do Divino, festas profanas do carnaval, que é comemorado aqui, e basicamente são essas, as mais fortes.

- *E Semana Santa, é forte?*

- É, a manifestação de fé, uma das mais fortes daqui do município. Na verdade, o número de componentes e visitantes que vêm à festa, é maior, esse ano foi maior que o número da Festa de Santana, que tem o apelativo dessa parte cultural, né? Moderna. Então a gente vê que essa parte de fé é uma manifestação, um apelo mais forte ainda.

- *Mas aí a Semana Santa tem todos aqueles ritos paralitúrgicos e litúrgicos, né? Começa no Domingo de Ramos, procissão na segunda...*

- Começa na Quarta-feira de Cinzas, e termina com a Procissão do Senhor Morto. Então são, em todos os dias, esses encontros. A manifestação mesmo é a religiosa, não há nenhuma interferência assim, cultural. A única coisa, alheia, que passa a abrilhantar mais seria o “Quadro Vivo”, que acontece já uns dez anos já.

- *Isso na Sexta-feira da Paixão?*

- Humhum. Dum grupo de jovens daqui da cidade.

- *E festividades, tem mais alguma outra que você esqueceu de mencionar, ou são essas mesmo que você citou?*

- Não, temos várias, por exemplo...temos assim, desde o Réveillon, temos o Natal, tem a Folia, a Folia de Reis, a Folia do Divino, e a de Santa Cruz. Essas festas, nas comunidades, e o do Rosário. O problema maior dessas festas é porque não há uma política administrativa nisso aí, é mais é por promessas. Então ano tem, outras vezes não tem. Não é assim, uma coisa assim certa, vamos dizer assim.

- *Mas esse caso não se encaixa na Festa da Padroeira não?*

- É porque na verdade, por ser da padroeira, quem administra realmente seria a igreja. Apesar de ter os mordomos, os serviçais, no caso que ajude, o maior integrante mesmo seria a Casa Paroquial. Então é ela que administra tudo mesmo. As outras festas também, quando não há padroeiro, ela que articula também essa administração dela. Apesar de não ter aquele brilhantismo todo, mas o maior envolvimento seria a da fé mesmo.

- *E esses grupos de folias que você citou, ele sai realmente no dia 25 de dezembro até o dia 06 de janeiro, eles mantêm esse ritual de já sair nesses dias, ou...?*

- Não é tanto assim não. Antigamente, realmente era assim, eles iam por exemplo nas comunidades de Alagoa, Luís Francisco, Tubadouro, Canavial, ia de casa em casa. Isso foi perdendo esse rito, e hoje, por exemplo o ano passado, já não teve. Por culpa que ficou assim com uma pessoa só, quer dizer, aqui em Congonhas ficou...nós temos a Folia de Idete Moura, que é da comunidade do Jacuí. E que o maior empecilho que a gente enfrenta seria o alcoolismo e o despreparo dos integrantes mesmo. Que na verdade isso aí sobrevive porque...eles colocam o mascote, procuram-se pessoas, crianças, que geralmente entram os bisnetos dos membros, pra introduzir essa prática aí. Então esse ano tá se perdendo, apesar da gente tentar, até incentivar e tudo, mas tá se perdendo.

- *Então esse ano nenhum grupo saiu.*

- Não.

- *Durante nenhum desses dias, de 25 a 06 de janeiro.*

- Em Alves falou que ia sair, mas aí começou a surgir assim brigas e tal, então não houve não. Só houve uma casa só, mas não saiu pras outras não. Aquele rito mesmo, de acompanhamento, que na verdade a origem dela, menciona aquele trajeto dos Reis Magos, procurando a Estrela Cadente. Então, na verdade eles fazem isso, mas pra ir de em casa em casa pra louvar o nascimento do Senhor Jesus. Então aqui geralmente faziam isso, e já agora estão se restringindo a poucas casas. Quando chama, esse ano pelo menos, chamou-se pra ir numa casa aqui em Congonhas, mas é uma coisa assim mais vinculada politicamente, então não teve aquele rito não.

- *E em relação aos ofícios e modos de fazer, a produção artesanal, tipo de matéria-prima, e até mesmo o mestre que sobressai, tem?*

- Tem. Essa parte, às vezes eu fico sabendo, que é interessante no município, porque os antigos carapinas, que praticam isso aí. A gente tem, pode separar ele em vários setores, por exemplo, a produção artesanal. Aí ela pode ser do couro, da madeira...que antes tínhamos a argila e o barro, só que hoje não tem mais não. Então o mais forte hoje seria o couro e a madeira, pra instrumentos, utensílios, no uso assim de animais, tipo cangalhas, selarias, aqueles balaios, e no mais, tamboretas, mesa, esse tipo de coisa assim, rudimentar. Na verdade, hoje esse potencial que a gente tem isso, é o senhor do Jacuí, que ainda pratica esse tipo de coisa. O pai do Nilo como chama?

- *João, do Vale.*

- Não, esse é o filho. Esqueci.

- *É que quando você falou do filho dele...*

- Não, é o filho. Mas o problema maior dele, é o alcoolismo. Levi Maurício. É um dos potenciais que a gente tem, assim lá hoje a gente tem uma revisão que é interessante, que é o...ai, qual que é o nome da peça? Aquela peça – monjolo – que ele conseguiu restaurar. A gente tinha uma, que seria da comunidade do Bateeiro, só que o Senhor João faleceu, e eles já destruíram tudo. E o Levi ainda tem isso, ele é bem idoso, mas ainda pratica isso. Os filhos herdaram o saber, só que se entregaram ao alcoolismo, um já faleceu, o outro pratica mas assim, já é profissionalmente, então já utiliza as máquinas, né? Não utiliza a coisa artesanal, e ele ainda o faz, mesmo apesar da idade avançada, a gente tem o Senhor Manezinho, que trabalha com o couro. O Serafim, que trabalha com o couro também, e nas comunidades rural a gente tem o pessoal que trabalha com o couro mais assim, o couro e o cabelo do animal pra fazer as rédeas, os instrumentos pra trabalhar com o animal. No caso das esteiras, que seria o bambu, era praticado mais pelas mulheres. O último que a gente estava tendo aqui, é uma mulher que tinha uma serrinha próxima aqui, ela tava fazendo, só que hoje não faz mais,

aquele...na verdade, assim, eles faziam, as esteiras, então nós temos a esteira do telhado, temos as peneiras.

- *Tudo com taquara?*

- Tudo com taquara. Na verdade, é uma variação da taquara, uma espécie de bambu que dava nas margens de rio, esqueci o nome dele agora...taboca! E hoje não tem mais porque o bambu, no caso da taquara, chama taquara de vidro, tá praticamente extinta, então a pessoa já não faz mais a taquara. O jequi, também da mesma forma, que é um utensílio pra pescar; e a peneira é pela industrialização, que não compensa, mas fácil comprar uma de tecido de plástico, de ferro, de aço, do que comprar uma muito mais cara, pelo tempo de feitura, né? E as gamelas, que seriam torneadas na madeira, gamelas de bateias, que também, assim, nós temos as pessoas que sabem mas não praticam pelo pouco valor.

- *No início da sua fala, você falou “carapinas”. O que é carapinas?*

- Carapinas é o seguinte: os mestres do ofício que trabalhavam a madeira, hoje é o marceneiro, a pessoa também que trabalhava a madeira. Inclusive tem uma fazenda próxima, que leva o nome de “Carapinas”, também o nome do rio, que dá origem ao nome do Rio Congonhas, que é Carapinas. Saint-Hilaire descrevia dois senhores, dois velhos carapinas com mais de 100 anos que moravam naquela fazenda, uma do período colonial que foi transferida pelo Intendente de Câmara citado em 1719. Então carapinas era quem lavrava a madeira. Hoje seria o marceneiro, né?

- *Dessas manifestações que você mencionou pra gente, você sabe contar pra gente desde quando elas ocorrem. Aí no caso, mais é as festividades, você saberia pontuar desde quando alguma...?*

- Pela lógica, sim. Por exemplo: Festa de Santana. A Padroeira do Município é Nossa Senhora de Santana, a igreja foi transferida pelas filhas bastardas de Dom Pedro I, isso citado no primeiro livro do Tombo, por ser uma festa de origem religiosa, vamos dizer assim, secular, então prevê que ela também tem origem no crescimento da igreja. Já que a igreja ocupava assim, um fator de destaque nesse crescimento no Brasil, então naturalmente, essa louvação à santa veio daí, tanto que as fotos que a gente tem é de 1950, aí mostra parte dessa festa. Então pontuar a festa seria com o próprio nascimento da cidade, ou seja, mais ou menos 250 anos.

- *Aí seria mais a festa em homenagem à Nossa Senhora de Santana. As outras, ficaria mais difícil, ou...?*

- Não, é porque na verdade, tem a Santana. Agora tem a Senhora do Rosário. Senhora do Rosário, são promessas que os fiéis faziam, então a gente, fotos e registros num têm! Então, pela lógica, a gente acha que também é o mesmo período: variando entre 200, 250 anos,

porque, já que é origem religiosa, e essa questão de devoção, acreditar-se num milagre ou na devoção por um santo faz a pessoa fazer alguma coisa para louvar isso em forma de festa. Então, naturalmente, vem com o crescimento da cidade também.

- E qual é a importância que você percebe, não só das festividades, mas também de todas as manifestações culturais, pros moradores da cidade, de Congonhas de Norte?

- Olha, é de suma importância. Porque preservar essas origens, preservar essa questão cultural, essa matriz cultural, apesar de a gente, se for olhar assim o desluz dele na parte prática. Eu acho que essa questão aí remonta a própria questão de valores de família. Por exemplo, uma cidade pequena igual Congonhas do Norte, uma das coisas que acho que mais forte, que é a questão de valores mesmo. Por exemplo, respeito ao outro, ser um bom cidadão, praticar essa origem de valores dentro de casa. Isso já vem, assim, por exemplo, num campo maior. Se a pessoa, por exemplo, respeita o santo a ponto de praticar com ele uma festa, uma procissão, aquele respeito em seguir aquilo. Então, dentro de casa, isso também repercute, em respeitar o pai, respeitar a mãe, e isso num campo maior, a respeitar a cidade, o meio que vive. Isso mantém uniforme a cidade, se isso se perder, que sociedade a gente pode esperar? Então acho que é de suma importância, e muito relevante essa questão de preservar essa matriz cultural. Que isso tá na essência do cidadão.

- Aí você falou mais de preservar. Então a importância seria é que vai fomentando outros valores, pras pessoas que praticam...?

- É, porque vejam só! Na questão das festas, a preservação, por exemplo, as Marujadas. A Marujada é, pelo que a gente sabe, estudou, acontece o seguinte: era grupo de marujos, daí marinheiros, marujeiros, que seguiam procurando novas terras. Aí eles chegaram em alto mar, e perderam. Ficaram sete anos e um dia, presos nas ondas do mar, sem ter nada do que comer, sem ter nada que...mas já eles cantam e, segundo eles, aí eles iriam ofertar a própria vida de um dos membros pra achar a terra, então eles iriam tirar a sorte. Quando eles foram tirar a sorte, quem saiu pra ser morto seria o capitão do navio. Quando eles iriam matar ele, aí avistaram terra e uma imagem de Nossa Senhora do Rosário boiando. Então, daquela época até hoje eles cantam em devoção à santa. Isso vai passando pros calafitas, que são os mascotes, os netos e bisnetos dos integrantes, então eles cantam isso como se tivesse acontecido ontem, anteontem, seguem como se fosse promessa. E uma coisa assim muito envolvente, que eles falam assim – “ah, a gente tem que seguir a fé, e tal”- então eles se integram mesmo, né? E se a pessoa mantém fiel a uma lenda, vão dizer assim, né? Então essa questão pra preservar, acho que é de suma importância pra referência cultural da cidade. Eu acho que é mais ou menos isso aí.

- *E pra você, como que você percebe que esses bens, eles se mantêm ao longo dos anos, em questão de sustentabilidade?*

- Na questão das festas ou dos saberes?

- *De forma geral. Aí você poderia pontuar primeiro as festas, que pode ser uma outra concepção, depois você vem com esses saberes, com esses ofícios. Como que você percebe, é uma percepção sua mesmo, de como essas coisas se mantêm ao longo de tantos anos?*

- Na verdade, a gente vê que isso aí vem titubeando mesmo, já não vê que, assim, pela experiência que eu venho acompanhando isso, eu vejo que isso vem sendo mantido. A maior influência negativa que eu acho, seria o alcoolismo, a questão pejorativa, que vem deturpando isso aí. Mas eu acho que essa coisa vem assim, de uma forma assim bem sustentada. Assim, por não ter estrutura de apoio, vamos dizer assim, acho que o mais forte é isso, a referência que a gente tem mais forte seria isso. A falta de apoio, assim, eles mantêm essa coisa mesmo assim com as críticas, que por exemplo, não usam um tipo de calçado igual, ou os instrumentos dessa forma ou daquela. Ou a roupa desse tipo, padronizada, quero dizer. São as críticas que de repente surgem. Mas eles mantêm isso, de forma assim, sustentável, com as próprias custas, né? Então eu acho que isso é mais forte, a referencial de durabilidade disso, é isso. Assim, a forma de manter com suas próprias custas. Agora, isso seria a parte cultural no caso da Marujada. As festas, a gente vê...

- *Como você vê entra nas festas, porque você falou em questão das críticas...*

- Dos marujeiros, das folias.

- *A questão do sapato, doou, são doações externas ou internas? É o próprio grupo que produz ou de fora?*

- Externas. Porque geralmente surge – “ah, tinha gente com sapato, tinha gente com kichute, tinha gente com bota e tal, tinha gente que tava usando um pandeiro de plástico, tava usando um violão mais moderno” – então surge esse tipo de coisa, mas não tem apoio. Não há estrutura física, assim por exemplo, institucional que premia ele com um tipo de instrumento, roupa ou tal. Então eles fazem aquilo com devoção mesmo, assim, por exemplo, as mães dos marujos que lavam, passam, e fazem isso. Eles às vezes utilizam calçado, que eles utilizam no dia-a-dia, ou às vezes vão até, que tinham muitas sandálias, por não terem condições. Enfim, as roupas são a que eles conseguem se manifestar. Na verdade, é uma necessidade deles se expressar através disso.

- *E com relação à visão pejorativa, também é externa?*

- Não. A visão pejorativa, no caso que eu tava falando, por exemplo, eu estava me referindo ao boizinho. Por exemplo, há uma dança de incentivo a provocar o boizinho pra ele atacar as

peessoas. Então ele investe contra o grupo que tá ali e tal, e as músicas são pejorativas, são relacionadas a sexo, são relacionadas a um parte negativa, não é uma coisa assim que a gente vê que é cultural, vamos dizer assim. Porque existem famílias que tão ali pra assistir, crianças, e num fica legal. É como se elas se igualassem às músicas que vêm enlatadas, que vêm de fora, que usam o mesmo termo. Essa questão pejorativa do sexo, igual funk. Então a gente vê criar uma espécie de dualidade, ali assim.

- *E com relação ao álcool, que você mencionou.*

- Sim. Os marujos se prostam perante à bandeira, tem aquele momento de fé, se benzem antes de seguir a cerimônia. Mas durante e após, aí o administrador oferece pra eles o álcool e alguns bebem demais e, porque esse ladeamento da dança coreográfica deles, às vezes perde o sentido, porque um que bebe mais aí fica descompassado junto ao outro, então não é uma coisa ritmada.

- *Quem é esse administrador que você falou que oferece? É o mestre...? Mas ele é integrante da Marujada, ele é membro?*

- Se intitula como membro, como mestre. Na verdade tem isso em Alves, aqui não tem não. Aí oferece, é como oferecer a bebida sim. Aqui em Congonhas, inclusive eles tentam até proibir esse tipo de coisa, porque já sabem que alguns bebem muito, mas a gente vê esse descomprometimento. Por exemplo, eu fui num ensaio na Lagoa, na comunidade próxima daqui, e há um grande respeito pelo mestre. Tudo o que o mestre faz, é acatado mesmo, como se tivesse de uma presença superior ali. Mas assim, essa questão aí a gente vê que há uma interferência sim, que algumas pessoas bebem muito e perdem realmente o sentido. Não fica uma coisa realmente legal de se ver.

- *Aí eu te cortei, que você ia começar a falar da questão da sustentabilidade, com relação às festividades.*

- Ah tá! No caso das festas, igual eu te falei, são promessas, por exemplo, a Festa do Rosário, a Festa de Santa Cruz, e as outras festas, a Festa de Nossa Senhora da Consolação e Coqueiros, e todas as outras festas, são manifestações folclóricas oriundas de promessas, que uma família faz, numa graça, alguma coisa nesse sentido, são pra se manifestar essa fé. Às vezes pela falta do poder aquisitivo, porque existe as vestimentas, o quadro, tudo isso na verdade é uma espécie de peça teatral, onde os membros que seguem nas procissões usam roupas que remontam os tempos anteriores, aquele período colonial e tal. Então a gente vê que algumas pessoas fazem esse tipo de promessa, às vezes num têm o poder aquisitivo e num conseguem ajuda dos poderes públicos ou privados pra fazer esse tipo de coisa, então às vezes isso cai de ano pra ano. Então daí surge a expressão que a festa tá morrendo, porque às vezes

não vê ela com o brilho daquela que veio anterior. Então porque é comum, por exemplo, oferecer doces. Por exemplo, hoje a maior manifestação disso seria em Santa Cruz de Alves, que o pessoal faz doce, de três espécies, e alimenta todos os convidados, independente de classe social, todas as pessoas que tã na procissão, é um grande número de fiéis, aí vão à casa do festeiro, e se alimentam fartamente de doces, e no almoço é oferecido tanto aos marujeiros quanto aos fiéis. Aqui em Congonhas só o doce praticamente, a comida é só relacionada aos festeiros e marujeiros, não à população. Acho que pro número da cidade também, que não comporta. Mas a gente vê que a falta de estrutura das pessoas que vão fazer essa festa, é que fazem isso –“a festa tá morrendo” – surge esse tipo de comentário, mas é porque não tinha o brilho da anterior. E aí, quando não há, a igreja auxilia e tal, mas num têm as roupas, num tem aquele brilho e tal. Então a sustentabilidade vem sofrido este impacto, por causa disso. Agora a questão de valores de manutenção dos fazeres: os pilões, tamboretas, balaies, cuias, esteiras, utensílios domésticos, cabresto, selaria, bateias, também temos a bila...todos esses instrumentais que foram se perdendo, que foram feitos aqui em Congonhas, foram se perdendo pelo crescente consumismo mesmo. Que é mais fácil comprar uma coisa mais moderna, do que dá valor e emprego àquilo que é feito com suor, né? Por exemplo, a bila é uma peça de barro pra armazenar água durante o dia. Então era comum a pessoa tomar o jarro, de potes, de barro, ir pro meio do rio, rezar uma Ave-Maria, um credo, e pegar aquela água, no meio do rio, e aquela água seria utilizada, durante o dia, para a família inteira. Aquilo ali foi se caindo em desuso porque a água ficou poluída, é difícil, ou melhor, não se pode queimar a peça de barro que tem aquela questão ambiental, então esses impactos aí foi acabando com aquelas práticas aí. Isso, no caso, a gente pode citar “n” coisas, por exemplo, a bateia, aí cai naquela parte ambiental, a bateia é instrumento para garimpar o ouro, né?

- Agora, vão ver se você me entendeu. Porque quando você me falou do que eu te perguntei da sustentabilidade, como que as coisas se mantêm, eu acho que você falou pra mim mais sobre as interferências externas, no caso por exemplo a Marujada, a questão do funk, do Boi Caracu sair, a questão das críticas, seria mais relacionado às dificuldades. Aí no caso das festas...esse ano foi mais bonito do que o outro, aí fala que está se perdendo, aí seria a questão também das críticas ou das próprias mudanças que acontecem nessa dinâmica cultural, que é impossível de não acontecer mudanças. Mas eu não sei se você entendeu a pergunta, porque é como ela se mantém. Mesmo por exemplo uma festa, de 2011, não teve o mesmo brilhantismo de 2010, mas ela aconteceu. Assim como vai acontecer em 2013, provavelmente, como aconteceu há 150 anos atrás...

- Igual a Semana Santa. É uma coisa assim que, como ela se mantém? O apelo maior, eu acho que é a fé mesmo, sabe? A fé é o incremento mais forte, sempre foi. Porque a gente vê, que o envolvimento de hoje, pelo que a gente vê, assim, em fotos, se comparar ela, assim mais ou menos com foto que a gente tem de 1950, os membros, parece que era os mesmos. Assim, o mesmo número... Apesar daquela postura não ser a mesma, mas a gente vê que a fé ainda é um fator decisivo, nesse tempo de manutenção das festas religiosas, e até a parte cultural mesmo. As marujadas, as folias, ainda o incremento também, é essa devoção que era promessa, que cai na mesma coisa, que seria a fé. O que eles cantam hoje, remontam ao que os antepassados fizeram a tempos centenários, então eles mantêm os fiéis na fé, o incremento mais forte. Na questão dos afazeres, infelizmente a gente não tem, só têm lembranças, e hoje assim por exemplo, a testemunha seriam as peças que foram feitas, e ainda têm elas aí no município. As tropas, que seria o mais assim chamativo, vamos dizer assim, no município, acabou pelos acontecimentos, que infelizmente foi se perdendo. Mas hoje a gente tem o último tropeiro aí do município, aí que geralmente a gente levava alunos lá, pra ouvir os “causos”, né? Então, em última instância, o que mantinha seria a lembrança do que foi feito.

- *E como que você percebe que todas essas coisas são repassadas, de geração para geração?*

- Isso é interessante, porque por exemplo, se a gente for olhar assim numa instância maior, essa questão do repassar informações, me falaram uma vez que o que é escrito é fato, então podia ser olhado como se fosse história, verdadeiro. Algumas outras coisas, de origem de fala, de “causos”, que num tem a coisa escrita, igual as receitas, o saber popular, de cunho científico. Mas esse diálogo aí tá se perdendo. Assim, por exemplo, os pais antes comentavam com os filhos, contavam pra eles, repassavam esses saberes. Então, por exemplo as receitas, muita coisa já se perdeu com isso. Mas essa procura ainda existe, por exemplo, a gente montou um projeto de antropologia cultural, onde que a gente fez esse resgate. Levou os alunos do magistério para serem multiplicadores, nós fomos à casa antiga do último tropeiro, as últimas professoras, pra fazer uma referência de como era e como é, e no olhar delas do que que pode continuar com isso. E com isso, a gente seria um grupo magistério, a gente criou multiplicadores pra repassar isso pros alunos. Só que, aí cai naquela história, que a escola hoje quer educar pra vida, mas ainda assim, vê que têm umas críticas aí, né? E esse conhecimento às vezes não é repassado, mas o que a gente tem aí seria ainda a questão de ouvir o relato dos mais velhos. Mas infelizmente se perdeu.

- *Eu te perguntei como que são repassados pra novas gerações. Você enfatizou mais aquilo que não foi conseguido passar pras novas gerações. Mas entretanto, em Congonhas do Norte,*

há bens que se manteve. E como que esses que estão atuantes, como que você percebe que isso foi passado, pra chegar até hoje, século XXI?

- Esse maior exemplo seria a questão de oralidade, por exemplo, seria a Banda Lira de Santana. Como é que ela foi passada? Primeiro, ela tinha o avô, passou pro filho, passou pro neto, que agora já se criou-se uma estrutura pela prefeitura, que colocou maestro e tal. Então que já tem essa prática, mas até então, a gente viu assim, os marujeiros. O avô passava pro estafeta, que crescia e passava pro estafeta seguinte; então seria a oralidade mesmo. Essa coisa de repassar conhecimentos.

- E dentre desses todos bens materiais que você citou pra gente, você percebe que algum deles corre o risco de deixar de existir? Só imaterial mesmo, relacionado à banda, à Marujada, ou os grupos de folias, ou festa, ou os modos de fazer...

- A Folia de Reis e a de Santa Cruz, corre o risco de deixar de ser extinta.

- Por quê?

- Porque até então, a gente via que os...a Marujada, a gente vê que eles conseguem resgatar isso através dos filhos e netos. Agora a Folia de Reis não tá conseguindo isso, o pessoal se envolveu muito com a bebida, e não é passado isso. Pelo menos aqui. Na comunidade de Santa Cruz e Alves, o maior problema seria o alcoolismo, que esse daí vem as brigas, e tal, então o pessoal prefere não sair pra não macular a manifestação. Segundo eles, falam assim – “a gente num pode sair, por exemplo, pra cantar uma devoção ao senhor, se o pessoal chega bebendo dentro da igreja e tal. A gente queria chamar a polícia, mas a polícia vai ficar no meio? Vai perder a...então eu prefiro não sair”. Agora aqui em Congonhas, sai pelo alcoolismo mesmo. As pessoas não se envolvem, e não repassam os conhecimentos. Então tá assim, uma coisa assim perdida. Agora, no caso, seria o que tá perdendo mesmo seria isso.

- Seriam mais os grupos de folia que podem deixar de existir?

- É, porque a gente já tinha uma na Suzana, que praticamente é extinta. A última manifestação, que foi em 2005, houve uma grande comoção lá, todo mundo chorando e tudo mas enfim, é o alcoolismo mesmo, é a folia que tá se perdendo.

- E não teria mais nenhum outro que você percebe que...

- De manifestação não. Do imaterial sim, seriam os antigos saberes, as receitas...os “causos”, o saber mesmo, por exemplo, se hoje a gente pega pruma pessoa assim de, na média 40 anos, perguntar a ela, lá da comunidade rural: “que planta é essa?”. “Não sei”. “Isso é pra quê?” “Num sei.” Então a gente vê que tá se perdendo, infelizmente. Que antes, conhecia tudo, chega pra uma pessoa mais velha e pergunta: “que planta é essa?” “Ah, é tal e tal!” “Que arbusto é esse?” “Ah, é carapiá”. Sabe de tudo, pra quê que serve, e qual o mal que produz,

como deve ser utilizado e tal. E, hoje, tá se perdendo. Houve até um caso engraçado, que uma mulher tava pegando diversos tipos de planta, pra fazer as garrafadas. Aí a menina chegou lá na casa dela, tava um monte de ramo lá de planta: “pra quê que é isso?” “Ah, eu não sei não, vou fazer um chá, mas depois eu falo, isso dá um remédio!” (risos). Então, tá se perdendo isso, sabe?

- *Você falou fazer garrafadas? Quê que é?*

- Garrafadas são chás que utilizam, freqüentemente, seja pra fazer aborto espontâneo, seja pra curar algum tipo de coisa assim, sabe. Eles chamam de garrafada.

- *Que é aquele que já se faz, coloca numa garrafa e pode deixar durante seis meses, um ano ou continuam usando, já que você faz então agora.*

- Porque geralmente com isso aí vêm os vinhos de quina, esses chás. Essas garrafas são utilizadas em garrafas mesmo, por um período prolongado, que costumam deixá-los pra maturar com o tempo. Isso aí tá se perdendo, realmente.

- *E quais as dificuldades enfrentadas? Embora lá atrás, você mencionou algumas. Mas se você nos contar algumas outras dificuldades enfrentadas, seja pra quem tá à frente, na organização de um festejo, seja pra quem tá a frente na Marujada, no grupo de folia.*

- É porque, se há por exemplo, falta de apoio estrutural, vamos dizer assim, é complicado. Porque se há uma questão, se a gente for falar – “ah, é uma questão de fé” – e a pessoa iria assumir aquilo. Se ela fosse assumir, saber que tinha condição de arcar com aquilo. Mas às vezes, as estruturas mesmo é que num concorrem pra isso, porque, por exemplo, pra se manter uma festa hoje, uma festa em homenagem a uma santa...aí tem que ter uns critérios da igreja, porque são mordomos, alferes e os quadros vivos que fazem aquilo. E o povo entra com o coadjuvante, no caso as procissões, mas o foco principal seria aquele quadro vivo. E hoje a gente não tem aquela estrutura aqui, por exemplo, pra aluguéis de roupas, isso tem que vim de fora. Existem duas pessoas aqui que cobram exorbitadamente um preço desse material...então, o apoio mesmo, seria o apoio estrutural mesmo, que a gente vê que num tem aí. Mas não é só do Poder Público não, seria das pessoas mesmo, porque se é uma festa religiosa, por exemplo, aí surge até uma crítica, aí entra por exemplo, enquanto tá passando uma procissão. Aí a música começa a interferir, as músicas curtas, começam a interferir naquele rito.

- *Então as músicas tocando são de som de carro...*

- É, de carro. Aí interfere, né? Concorre pra desviar a atenção e tal. Porque a gente antes via que o foco seria a reza. E hoje há interferência, existe por exemplo, nas procissões, aí um começa a conversar com o outro, a respeito da situação da cidade, da política e tal. Mas não é aquela coisa de fé. Ela persiste porque o pai fazia, porque a mãe fazia, tem que seguir e tal, é

tradicional e tal, mas num é uma coisa assim. Acho que é a falta de apoio estrutural, enquanto assim, fazer parte da coisa, né?

- E com relação aos grupos, Marujada, Folia...Folia especificou muito a questão do álcool. Mas no caso a Marujada, a própria banda...?

- Isso aí hoje tá tendo um apoio fundamental da Prefeitura na manutenção da banda. Houve a contratação de um maestro, houve a compra de instrumentos, a compra de roupas. Existe um incentivo diário de treino, então hoje ela tem sido muito elogiada, até com crianças. Então a gente vê que isso vai perdurar, porque até uns cinco, dez anos atrás, o festeiro tinha que ir lá pedir pelo amor de Deus pra determinado membro ir tocar, e depois tava aquela coisa, é chata de fazer. Um ia com um tipo de roupa, outro ia com outro tipo, num seguiam aquela coisa, num tava sendo legal. Então agora a coisa tá funcionando, no caso da Banda Leda Santana. No caso da Marujada, já que não existe um apoio institucional, ela faz por questão de herança de fé mesmo, isso às vezes, surge essas críticas – um determinado tipo de calçado, um determinado tipo de instrumento, não é adequado e tal – mas eles fazem conforme o que eles podem, já que não tem apoio fundamentado nisso aí. É só uma questão de fé mesmo. A Folia, é da mesma forma, as máscaras são confeccionadas por ele, os instrumentos da mesma forma, que é o tipo de tambor que eles utilizam, é feito por eles mesmos. Lá do boizinho é o pessoal igual de esteio, o pessoal de Belo Horizonte próprio que é um dos integrantes da Marujada, que traz tudo. Então, é eles mesmo que estimulam o movimento, e tal e tal. Não existe o que cobrar, já que não se dá o apoio, porque cobrar? Eles fazem conforme podem, né?

- A gente frisou mais as dificuldades, né? Mas isso também é uma percepção sua, tá Clovis? Das soluções encontradas por esses grupos, ou por alguma pessoa que tá a frente da manifestação, de dar continuidade ao que eles fazem. Quais são as soluções que você percebe que eles encontram no dia-a-dia, no cotidiano, pra alavancar essas coisas, embora haja mas dificuldade?

- É, hoje a gente vê que surgem várias iniciativas aqui. Por exemplo, houve iniciativa da Prefeitura, em manutenção disso aí. No caso dos marujos, a iniciativa parte deles próprios, eles enxergam assim como coisa natural, e essa questão relacional; então eles mesmo se incumbem, de adquirir novos instrumentos, o vestuário, a forma de agir, inclusive por exemplo, a última, que eles tocaram em Alves, eles estavam se referindo, estavam assim recebendo elogios da maneira como tavam se comportando. Então, alguns chamavam a atenção dos outros: “ó, a gente não pode beber não, a gente tem que usar esse trem de roupa, farda limpa, a gente tem que fazer devoção à Nossa Senhora”. Enfim, eles procuram seguir, tem uma certa postura, um certo aval. Nesse ponto, aqui em Congonhas, já não segue, por

exemplo. O mestre bebe muito, às vezes num cumpre esse determinado tipo de compromisso, a Folia de Reis também da mesma forma, a Folia de Reis tá se perdendo justamente por causa disso: essa falta de entrosamento entre os membros, em geral talvez pelo alcoolismo, e pela assim, repercussão da própria atividade, no passar pros outros como deve cantar, como deve agir e tal. O boizinho é uma coisa imposta, não é uma herança cultural, que nasceu na cidade; não, é uma coisa trazida de fora, que acha bonitinho e tal, e aí há um tanto de interferência, que não justifica, acho que nenhum ato que diz assim mesmo. Houve aqui em Congonhas o boizinho e aqueles bonecos gigantes, também uma coisa que trouxeram de fora e também não repercutiu muito não. Nisso aí, seria mais ou menos isso mesmo, falta eu acho que, a crítica hoje que pode achar assim, por exemplo, seria dessa forma: os marujos, seria essa falta de certo apoio, de instituição, alguma coisa assim. A iniciativa hoje, provável seria da Prefeitura em frente à banda, e têm algumas outras atitudes, por exemplo, agora a gente tem uma associação comunitária que a gente tá tentando focar nisso aí. Fazer um projeto de antropologia cultural pra resgate dessa matriz aqui do município. A gente tá catalogando isso, e depois pretende ofertar a esses grupos, essa parte documental, pra valorização dessa manifestação. O começo desse ano, aqui pela Prefeitura, a gente foi até a comunidade de Fechados, pra levar a parte documental do que tinha filmado aqui, em Alves, pra mostrar pra eles uma forma de agradecer pelo que eles têm feito, pela manutenção dos marujeiros em Santa Cruz e Alves, daquela que foi encontrada há cinco anos atrás por um pessoal de outra comunidade, de outro município, que sempre um incentivava, então a gente documental isso e levou. E agora, pela associação a gente tá tentando fazer esse resgate dessa manutenção viva disso aí. Hoje já tem um acervo de 85 vídeos, é online, e já tá com uma média de 20.000 acessos...

- *No youtube que vocês postaram?*

- É, e agora gente tá tentando fazer esse resgate, disso aí, pra apresentação a esses grupos aí: Folia, Marujada, os antigos saberes, violeiros, enfim. Apresentar pra eles, uma forma de homenagear pelo trabalho descrito no crescimento e valorização do município, do trabalho cultural dele.

- *E qual que é o nome da associação?*

- Associação Senhora Santana. Ela já é uma entidade filantrópica, já reconhecida pela Câmara, a nível estadual e municipal, como entidade filantrópica, então a gente tá tentando tatear nesse caminho aí.

- *Tem mais alguma coisa, sobre soluções encontradas, que você gostaria de pontuar, ou você acha que...?*

- As soluções encontradas basicamente são essas, né?

- *No caso das festividades, você comentou mais dos grupos, né?*

- É, as festividades é complicado porque ela envolve outros segmentos, que por exemplo hoje, a gente já tem uma parte religiosa que tem aquele rito, que deve ser seguido, não pode sofrer interferências, e tem a parte externa que seriam os festeiros que fazem a festa. Determinado festeiro, família, quer agir dessa forma, então não aceita muita interferência. Agora, eu acho que uma coisa interessante seria um fundo, um fundo pra ajudar essas festas, porque hoje, tem assim uma coisa negativa aqui, que duas pessoas tão acumulando, por exemplo, existe o instrumental que seria roupas, e cobram muito caro; e às vezes o orçamento não consegue arcar com isso. E se criasse um fundo, alguma coisa assim nesse sentido de apoio...

- *Mas aí quando ela não consegue arcar, ela lança mão de quê?*

- Ela faz o que pode, e às vezes, por exemplo, roupa disso, no caso de um investimento. Por exemplo, no quadro, quadro vivo lá, que é aquele quadro que onde fica conduzindo o Rei e a Rainha, aí por exemplo o jovem vai de óculos escuro, vai de jeans, de short, enfim, não é muito legal de se ver. Mas é porque não tem recurso e a cultura daquela família, às vezes não é cabível com aquele momento. E como você vai lá e fala assim: “ah, você não pode agir dessa forma e tal”? Então eu acho que é uma estrutura que talvez, a própria igreja salientar, fazer exigência, um quadro de exigência, é um mínimo disso, que a igreja dá um apoio fundamental nesse tipo de coisa, mas as famílias de hoje num têm estrutura. As que pegam as festas: que é de mordomos, alferes, bandeira e os próprios integrantes.

- *Tem algum comentário geral que você gostaria de fazer, em relação às manifestações do município, que não foi contemplado aqui mas você gostaria de ressaltar, ou você acha que tá ok?*

- Eu acho que é o seguinte: que essa matriz cultural, ela deve ser perseguida, incentivada, incrementada como parte da sociedade. Se hoje o cidadão comum passa a administrar aquilo como seu, automaticamente ele vai fazer alguma coisa pra preservar, e se deixar cair no ostracismo, deixar cair assim, a cidade vai perdendo sua identidade, né? Então isso não pode ocorrer de forma alguma, eu acho que esse fator comum, isso aí, tanto do Poder Público, quanto do cidadão comum, arcarem com isso. Porque isso é um débito social que incrementa a sociedade, sem isso a gente não é o que é hoje. Enquanto cidade. Só isso.

- Obrigada.

- De nada.

